

PORQUE NÃO ENTENDEIS A MINHA LINGUAGEM? (4)

Compreendo a boa vontade da gente simples que, dentro do possível, faz esforços para acomodar a linguagem - desta vez, as palavras - aos tempos modernos. É quase enternecedor ver como os liturgistas, ao fazer a versão dos textos das Escrituras para a língua vernácula, traduziram pudicamente a palavra *servo* pela menos malsoante (ao que se supõe ser a mentalidade do homem de hoje) de *empregado*. É comovedor, mas não me parece que este tipo de métodos pastorais atraia muitas ovelhas ao redil.

Também se está a mudar a linguagem auditiva e visual; essa que entra pelos olhos e tanto contribui para o ensino da gente humilde e simples. A substituição do órgão pelas violas eléctricas, e a do canto gregoriano pelo flamenco, a música *pop* ou a canção moderna, talvez seja uma modo de substituir umas formas arcaicas por outras mais de acordo com a cultura (se assim se lhe pode chamar) moderna. Aos pregoeiros do “mundo de hoje” também lhes não agrada a linguagem escultórica daqueles Cristos em forma de homem, cravados na cruz, ensanguentados, com a agonia reflectida nos seus olhos sob a coroa de espinhos; ou hieráticos e serenos reinando do alto da cruz. Antes parece que o mundo de hoje não necessita de tais realismos de épocas menos adultas que consideravam ainda o sacrifício do Calvário como um facto sucedido realmente e com entidade própria, e não como um símbolo. Ao símbolo correspondem melhor essa espécie de crucifixos de ferro, estilizados, quase invisíveis, ou feito de pedaços de ferradura, sucata e cravos, que mostra melhor o mundo do trabalho que faz o homem, como diria Marx. Desapareceram -ou estão a desaparecer -também aqueles sacrários que eram como a casa onde se albergava o Santíssimo Sacramento, o próprio Cristo em corpo, sangue, alma e divindade; uns Sacrários dourados, com a cruz rematando a parte da frente, por vezes ricos (fruto muitas vezes da generosidade dos fiéis), outras vezes de madeira pintada de purpurina, com o véu branco a cobri-lo como sinal de um delicado respeito para com o imenso mistério eucarístico. Agora, vemos modestas caixas rectangulares, sem cruz e sem véu, discretamente postas a um lado do altar, num altar lateral, incrustadas ou suspensas na parede, que são a expressão da nova linguagem litúrgica, a qual quererá talvez sugerir alguma particular ideia simbólica em cuja raiz esteja latindo, porventura, não a ideia de *transubstanciação*, mas a de *transfiguração*. Coisa de significado, não de substância, como podeis ver.

Para explicar (dentro do que é possível) o mistério da Encarnação do Filho de Deus, dizia-se que em Jesus Cristo há duas naturezas (divina e humana) e uma pessoa (divina). Um menino que soubesse isto, sabia o fundamental. Não digo que o entendesse (quem entende o que é um mistério?), mas, dada a sua capacidade, sabê-lo era suficiente. Gostaria que me dissessem que categoria ou que linguagem pode expor de modo mais claro, e ao nível de um menino, esta verdade.

Talvez possais objectar-me de que não se trata de meninos, mas de um mundo que alcançou a maturidade. Sim, mas não uma maturidade no que respeita à Revelação, porque nisto o mundo de hoje é como o mundo dos pagãos no século II, cito por exemplo, só que muito mais “convencido”.

Quase sempre que leio coisas sobre a “incomunicação sinto-me perplexo, pois não entendo como pode existir este problema em tempos em que os meios de comunicação chegam a todos os recantos. Hoje comunica-se tudo, e comunica-se tanto que já quase não existe intimidade. Comunica-se o que nos interessa e o que não nos interessa; fala-se como nunca, escreve-se mais do que nunca, emite-se por rádio, televisa-se. Não sei que queria comunicar Samuel Becket em *À espera de Godot*, mas ter-lhe-ia agradecido que o tivesse expressado de maneira mais inteligível, supondo que haveria alguma coisa a expressar. Assim, pelo contrário, não sei com qual das hipóteses que se deram me hei-de ficar. Mas compreendereis, que este não é o caso da Igreja. Ela deve mostrar com clareza, precisão e exactidão, a doutrina de Cristo; não propor enigmas interessantes para os intelectuais brincarem.

Bom, tudo isto me cansa, e suponho que também vos estarei a cansar a vós. Só queria chegar a desembocar num par de considerações que talvez os sirvam, embora creio que isso depende do interesse que cada um tenha em resolver com seriedade e honradez o que lhe respeita de modo directo e essencial.

Caso não entendais a linguagem com que a Igreja vem explicando os mistérios da fé, estais seguros de que, pelo menos tentastes compreendê-la? Pusestes da vossa parte esse mínimo necessário que utilizais, por exemplo, para entender a explicação que se vos dá em física, bioquímica ou matemática lógica? Estou a pensar agora, por exemplo, nos que com facilidade abandonam a missa do Domingo porque não lhes diz nada, ou simplesmente porque não entendem porque têm de lá ir; ou ainda nos que não se confessam porque não entendem porque isto ou aquilo há-de ser um pecado.

Ou então, e voltando às palavras do Evangelho, dado que é necessário estar disposto a praticar a doutrina de Jesus Cristo se realmente se quer entender a sua linguagem, estais dispostos a praticá-la? Porque se a resposta é não, então ninguém se pode surpreender, nem sequer vós mesmos, de que não entendais nada.

(Federico Suarez)